



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / SOCIOLOGIA

THAYSE DE CARVALHO NASCIMENTO

**IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO:
reflexões sobre a pedagogia da lenda da Mãe D'Água na Lagoa do Bacuri,
no município de Magalhães de Almeida**

SÃO BERNARDO-MA
FEVEREIRO/2024

THAYSE DE CARVALHO NASCIMNETO

**IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO:
reflexões sobre a pedagogia da lenda da Mãe D'Água na Lagoa do Bacuri,
no município de Magalhães de Almeida**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas-Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio

**SÃO BERNARDO-MA
FEVEREIRO/2024**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

DE CARVALHO NASCIMENTO, THAYSE.

IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO: a pedagogia da lenda da Mãe D'Água na Lagoa do Bacuri, no município de Magalhães de Almeida / THAYSE DE CARVALHO NASCIMENTO. - 2024.
20 p.

Orientador(a): JOSENILDO Campos Brussio.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, MAGALHÃES DE ALMEIDA, 2024.

1. CONHECIMENTO. 2. CULTURA. 3. FOLCLORE. 4. LAGOA DO BACURI. 5. MITOS E LENDAS. I. Campos Brussio, JOSENILDO. II. Título.

Dedico este trabalho a minha família e amigos que sempre estiveram comigo, me dando forças, me apoiando a não fraquejar, para conseguir chegar até aqui diante de tantos obstáculos, dedico a todos da turma de Ciências Humanas 2015.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me proporcionar este momento, por permitir a conclusão do meu trabalho e de mais essa etapa da minha vida.

Agradeço a minha mãe Matildes de Carvalho Nascimento e ao meu pai Artur José Coelho do Nascimento por me impulsionarem a não desistir, por apoiarem e incentivarem nos estudos e na vida. Aos meus filhos Artur Neto e João Lucas, por serem motivos a mais para a não desistência de chegar até aqui.

Agradeço aos meus avós paternos João Evangelista do Nascimento e Genésia Coelho da Silva, moradores da Lagoa do Bacuri, cujo me ensinaram através da cultura e me apresentaram o mito da Mãe d'Água, ainda bem pequena, obrigada por fazerem parte de tudo em minha vida.

Agradeço ao meu esposo Marcos Antônio Marques Silva, que me acompanhou durante toda a trajetória, desde o início da turma em 2015, dando seu apoio e me assegurando nas horas mais inseguras, aos amigos e familiares que me incentivaram que acreditaram, me fazendo ter forças para continuar.

Agradeço ao senhor Dede Santos, por me acolher em minha pesquisa e me permitir entrar em sua propriedade, para o crescimento e desempenho do meu trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio, que fez este trabalho acontecer, sua orientação e contribuições enriqueceram meu trabalho. Sou muito grata por ter aceitado o meu pedido para me orientar, por ter sempre maravilhosas contribuições, o meu muito obrigado.

**IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO:
reflexões sobre a pedagogia da lenda da Mãe D'Água na Lagoa do Bacuri, no município
de Magalhães de Almeida**

Thayse de Carvalho Nascimento¹

Josenildo Campos Brussio²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o papel pedagógico da lenda da Mãe d'Água no imaginário popular dos pescadores da Lagoa do Bacuri no município de Magalhães de Almeida. A pesquisa centrou-se na lenda da Mãe d'Água muito contada na Lagoa do Bacuri, na região do Baixo Parnaíba Maranhense, na cidade de Magalhães de Almeida, onde as narrativas sobre a lenda predominam entre os mais velhos. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, exploratório-descritiva, na qual realizamos algumas conversações com pescadores da Lagoa do Bacuri, a partir das quais analisamos alguns registros dessas conversas. Como referencial teórico, dialogamos com abordagens de alguns autores, dentre eles: Câmara Cascudo (2014), Mircea Eliade (2006), Mário Andrade (2019) e Levi Strauss (1978). Todos têm em suas obras contribuições sobre a importância do mito, sobre as sociedades primitivas e suas práticas culturais, destacando o potencial do mito pedagogicamente, a fim de manter tradições e preservar o homem enquanto ser social na modernidade.

Palavras-chave: Lagoa do Bacuri. Folclore. Cultura. Conhecimento, Lendas e mitos.

ABSTRACT

This article aims to present the pedagogical role of the legend of the Mãe d'Água in the popular imagination of the residents of Lagoa do Bacuri in the municipality of Magalhães de Almeida. The research focused on the legend of Mãe D'Água in the region of Baixo Parnaíba Maranhense, located in the city of Magalhães de Almeida in the Bacuri Lagoon, where the sertanejo culture predominates among the elders. We highlight the thoughts and approaches of some authors, including Câmara Cascudo (2014), Mircea Eliade (1972), Mário Andrade (2019) and Levi Strauss (1978). All of them have in their works contributions on the importance of myth, on primitive societies and their cultural practices, highlighting the potential of myth pedagogically, in order to maintain traditions and preserve man as a social being in modernity.

Keywords: Bacuri Lagoon. Folklore. Culture. Knowledge, Legends and Myths.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo/MA.

² Doutor em Psicologia Social (UERJ). E-mail: josenildo.brussio@ufma.br. Professor Associado II do Curso de Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Centro de Ciências de São Bernardo/MA.

1 INTRODUÇÃO

Os mitos e lendas estão presentes na sociedade desde a criação do mundo. Transmitidos oralmente, eles têm o poder de ensinar, estimular o homem enquanto ser social a buscar por suas origens e conhecer a si próprio e o local que habita. De acordo com alguns folcloristas e antropólogos, a preservação e busca para conhecer e compreender os mitos e lendas exige doação e esforço para buscar dados desde a origem de um mito, suas importâncias e colaborações para a vida social.

Mitos e lendas são contos narrados pela humanidade, em diferentes culturas e épocas, marcados pela presença de personagens místicos, cosmológicos, religiosos, heróis que assinalaram uma civilização em um determinado tempo, por mais que surjam novos incrementos devido a realidade de onde está sendo narrado.

Existem fenômenos que muitas vezes recebem o nome de inexplicáveis, por serem incompreensíveis à razão humana, ganharam sua veracidade ao serem propagados como fatos verdadeiros no imaginário popular. Não tem como dizer que é ilusório ou mentira, uma história que tem protagonistas, personagem e tempo. Neste artigo analisaremos um dos mitos presentes no imaginário popular da região do Baixo Parnaíba Maranhense: o mito da Mãe d'Água ou Iara ou Iemanjá, de acordo com a cultura local de onde o mito é contado.

O mito da Mãe d'Água tem a sua origem indígena, faz parte do folclore brasileiro e é imprescindível no Baixo Parnaíba Maranhense, na Magalhães de Almeida, que tem povoados que beiram as águas da Lagoa do Bacuri, onde o mito da Mãe d'água já foi motivos de medo e apreensão e respeito, passada de geração em geração.

A Lagoa do Bacuri possui uma extensão de 60 km e uma profundidade, nas áreas mais fundas, em torno de 9 m. A extensão da lagoa é tão grande que ela faz divisa com dois municípios: São Bernardo-MA e Magalhães de Almeida-MA. Parte de suas águas e povoados pertencem a São Bernardo onde as águas do Rio Buriti desaguardam e encontram-se com as do Rio Parnaíba na zona rural de Magalhães de Almeida. É cercada por 19 povoados, todos habitados por pescadores dos frutos da lagoa (peixes, camarões), rica em sua biodiversidade de espécies de peixes e plantas as quais são fundamentais para o equilíbrio de sua perenidade.

Sabemos que os mitos têm perdido o seu potencial pedagógico mediante a luta contra a ganância humana em tentar controlar e destruir a natureza. Todavia, eles estão sempre presentes do imaginário popular, por isso, o presente artigo traz uma reflexão sobre o papel pedagógico popular dos moradores da Lagoa do Bacuri no município de Magalhães de Almeida

a partir de importantes autores, folcloristas e dados sobre as influências e estímulos para a amplitude deste mito presente na nossa região.

Para a realização desta pesquisa, fizemos um levantamento bibliográfico, pois trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, exploratória e descritiva. Segundo Severino (2013), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (p. 107).

O estudo parte de uma revisão bibliográfica das obras de autores folcloristas, mitólogos e antropólogos da área. Com finalidade de alcançar o objetivo do tema trabalhado, foram utilizados os seguintes autores: Câmara Cascudo (2014), Mircea Eliade (2006), Mário Andrade (2019) e Lévi-Strauss (1978). Com base nas análises conceituais dos autores a explanação do tema abordado neste artigo traz abordagens conceituais semelhantes para facilitar o desenvolvimento do presente artigo, através das informações coletadas, aprofundando o tema.

Além da pesquisa bibliográfica, também realizamos algumas conversações com pescadores da Lagoa do Bacuri, a fim de registrar as narrativas orais sobre a Lenda d'Água. O nosso intuito era perceber como essas narrativas estão presentes no imaginário dos pescadores e se são transmitidas de geração em geração.

Assim, o presente artigo apresenta-se dividido em três seções: na primeira, discutimos o conceito de mitos e lendas e a importância destes temas na educação a partir das abordagens de Mário Andrade em sua obra *Aspectos do Folclore Brasileiro* (2019), em que ressalta a importância de se produzir conhecimento sobre o povo, realçando a cultura brasileira.

Na segunda seção, trazemos a lenda mais presente na região da Lagoa do Bacuri, em Magalhães de Almeida, onde há narrativas orais sobre a aparição da Mãe d'Água no povoado Biratanha, em que vive um pescador, que possui em suas terras uma pedra, conhecida como Pedra da Mãe d'Água e em uma conversa informal falou-nos sobre vários relatos acontecidos na região. Também trazemos a lenda da Iara na obra de Câmara Cascudo *Antologia do Folclore Brasileiro* (2014), e a concepção sagrada dos mitos em Mircea Eliade e sua obra *Mito e Realidade* (2006), onde destaca a importância do mito nas sociedades.

Na terceira, apresentamos o caráter pedagógico da lenda da Mãe d'Água na Lagoa do Bacuri, destacando a fala do antropólogo e etnólogo Claude Lévi-Strauss, em sua obra *Mito e Significado* (1978), que traz a importância das práticas culturais, a partir dos mitos, concluindo que o conhecimento das culturas folclóricas e sociais ficam eternizadas pelo contexto histórico que foram disseminadas.

2 MITOS E LENDAS NA EDUCAÇÃO: conceitos e influências

As lendas e o mitos constituem a identidade cultural do homem enquanto ser social, ao mesmo tempo em que são memórias de um povo e transmitem conhecimentos ao homem. Segundo Mircea Eliade (2002): “Mitos narram os acontecimentos que se sucederam *in principio*, ou seja, ‘no começo’, em um instante primordial e atemporal, num lapso de *tempo sagrado*. A origem de tudo que acontece de forma sobrenatural e divina é considerada mito”.

Uma das diferenças entre mitos e lendas configura-se no fato de que os mitos são acontecimentos sobrenaturais, onde sempre há presença de personagens, sejam eles heróis, deuses, animais etc., não deixando de ser lenda. Por outro lado, as lendas narram estes acontecimentos e tentam explicar fenômenos, expressando emoções dos narradores para despertar interesse a quem é transmitida oralmente.

O mito na história da civilização é um conjunto de lendas e narrações que referem personagens e acontecimentos anteriores aos fatos históricos conhecidos e que, por isso mesmo, se entretecem com episódios maravilhosos e fantásticos” (CASCUDO, 2012, p. 516).

Para Ferreira et al. (2020, p. 6), “as lendas podem conceituadas como narrativas que tentam explicar, através da oralidade, feitos ou acontecimentos sobrenaturais ou misteriosos. Fazem parte da tradição folclórica do povo”. Por isso, muitas vezes misturam fantasia e realidade e oferecem um grande escopo para o imaginário popular.

Preservar a história de um povo é preservar as raízes, os saberes locais, a cultura e o conhecimento. As lendas, os mitos, o folclore nos acompanham de gerações em gerações e tende-se a ficar mais difícil destacá-los e mantê-los presentes nos dias de atuais. Por isso, “uma das funções do mito é explicar o inexplicável, dar sentido às origens das coisas, dos fatos, dos fenômenos, da criação do mundo e do universo” (FERREIRA et al., 2020, p. 11).

As lendas e mitos populares fazem parte das tradições orais que estão disseminadas universalmente, que atravessam tempos e fronteiras através das narrativas históricas, com contextos religiosos, folclóricos, sobrenaturais, místicos, cosmológicos, sociais, entre outros (ELIADE, 2002). Destacam-se em tempo ou local onde se é narrado por conta de sua estrutura, podendo ser ajustados ou não de acordo com a realidade ou compreensão dos grupos sociais que os recebem e os transmitem.

Ao valorizar o cosmopolitismo e o interesse de participação internacional, Mário de Andrade encontrava no folclore fundamentos não só originais como universais para a produção contemporânea da arte e da cultura nacionais. O elemento autêntico e

primitivo buscado no fato folclórico tinha também o sentido do encontro com uma humanidade primordial, presente de formas diversas em todas as culturas humanas. (MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI APUD ANDRADE, 2019, p.150).

O autor Mário de Andrade em sua obra *Aspectos do Folclore Brasileiro* (2019), obra publicada anos depois de sua morte, traz partes de seus manuscritos incompletos que deixara ao morrer em 1945. O autor ressalta que os estudos do folclore no Brasil não eram bons (p. 19).

Diversos antropólogos citados em sua obra estudavam materiais sobre o folclore e alguns de forma errônea, grosseira ou leviana, cometeram interpretações equivocadas sobre algumas manifestações culturais como ocorreu com as pesquisas sobre o Tambor de Mina, no Maranhão, no início do século XX³, que foi denominado de “música de feitiçaria”, pelos pesquisadores, de tal forma, que há uma negatização da manifestação até hoje, ou seja, não se conseguia chegar ao todo que abrange a diversidade, a riqueza e potencialidades do folclore brasileiro naquela época. Com isso, o folclore não possuía compreensão e valorização que deveria ter.

Grande e vasta é a cultura brasileira e o estudo da cultura local facilitaria a forma de pensar e agir do homem na sociedade, o estudo amador sobre o folclore pode prejudicá-lo, tanto quanto o ato de não estudá-lo. Segundo o antropólogo Sérgio Ferretti (2006), Mário de Andrade dedicou-se a realizar o levantamento de um conjunto de conhecimentos e comportamentos do povo brasileiro, traduzidos em lendas, parlendas, gírias, superstições, músicas locais, brincadeiras, todas de suma importância para o crescimento humano social, bases de referência cultural de vários costumes brasileiros, que fazem parte do acervo folclorista.

Ainda que haja ressalvas ao trabalho realizado pelo grupo de folcloristas que integrou as missões culturais no início do século XX no Brasil, não se pode negar a importância das suas contribuições e de seus antecessores. Como parte da cultura de um povo, os mitos e as lendas são, portanto, essenciais na formação dos indivíduos e da sociedade, criando um elo entre o homem e suas origens, além disso, influenciam na história de cada indivíduo diante dos acontecimentos e a própria sociedade em que vive.

Tratar o folclore como uma prática pedagógica seria ensinar o homem a viver diante de qualquer circunstância, ou seja, preparando-o para lidar com situações específicas, para

³ Esta desconstrução de vocabulários e imagens preconceituosas atualmente é muito importante. Certamente se escrevesse hoje, Mário de Andrade não designaria estas músicas como de feitiçaria, mas como músicas religiosas populares ou com outra terminologia mais adequada. Por suas viagens, leituras e correspondências, Mário de Andrade estava muito atualizado com aspectos da cultura de regiões diversificadas do país e ainda pouco ou quase não abordados na literatura especializada. Mesmo sem ter estado no Maranhão, conheceu e escreveu a respeito do tambor de crioula e do tambor de mina em inícios da década de 1930, quando ainda não havia nenhum trabalho publicado sobre estes temas. FERRETTI, F.Sergio *Mário de Andrade e o Tambor de Crioula do Maranhão*. (2006)

quem não está apto a entender uma questão mística ou imaginária. O conhecimento ou preparação para entender a magia⁴ por trás de cada conto ou prática cultural é essencial em qualquer contexto. O folclore brasileiro é parte do saber cultural do nosso país, nisto ressaltamos os mitos e as lendas brasileiras, que estão sendo esquecidas e deixando de serem disseminadas.

Ao ver o folclore como um mediador fundamental para a renovação da criação artística brasileira, Mário de Andrade aproximava seu modernismo de pressupostos filosóficos românticos. Tratava-se não apenas de produzir conhecimento sobre o povo e utilizá-lo no programa ideológico modernista. O folclore era também um canal privilegiado de religação com um mundo que aspirava à totalidade (CAVALCANTI APUD ANDRADE, 2019, p. 151).

O enfraquecimento popular tem a ver com falta de ensinamentos, a modernização o crescimento tecnológico que talvez tenham dificultado a busca pelo conhecimento popular ou pelas raízes culturais do povo brasileiro. As riquezas culturais, influências e tradições marcantes das lendas, mitos, danças, comidas típicas, cantigas fazem parte da identidade popular e tem o papel de disseminar esse conhecimento. Trabalhar o conhecimento folclórico seria o mesmo que disseminar a semente da curiosidade sobre si próprio (suas origens) ou despertar interesses em buscar ou entender sobre o saber cultural local e popular de cada indivíduo. Assim, as histórias seriam passadas de geração em geração, mantendo vivas as tradições dos antepassados.

O mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana (ELIADE, 2006, p. 19).

Trabalhar a realidade de um contexto social de forma lúdica e didática dentro da educação com finalidade de auxiliar o indivíduo a entender sobre sua cultura a qual está inserido, sem dúvidas, promoveria uma educação para a vida de forma inigualável dando continuidade à sua própria história, e originalidade de sua identidade, além de um olhar amplo e enriquecedor ao indivíduo que terá empatia com o próximo. Assim podemos notar o quanto as lendas, mitos, conhecimentos populares influenciam na formação sociocultural do ser humano. A cultura implica na verdadeira tradição popular dos povos antigos ressignificada nos

⁴ Quando falamos de magia aqui, é no sentido metafórico das narrativas, no encantamento que as narrativas orais podem nos causar por meio da imaginação, do imaginário e da criação poética.

tempos modernos, por isso, a Lenda da Mãe d'Água possui tantas variações como veremos mais à frente.

3 MITOS E LENDAS DA LAGOA DO BACURI NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA

Temos um mito folclórico na região de Magalhães de Almeida, mais precisamente na região rural, onde temos a Lagoa do Bacuri que se situa a 20 km da zona urbana, rica em benefícios naturais como vegetação, pois é região da caatinga. A Lagoa do Bacuri inicia no povoado Coqueiro município de São Bernardo-MA, onde as águas do rio Buriti desagüam e vão até o povoado Trincheiras, município de Magalhães de Almeida-MA, onde um braço do rio Parnaíba se liga à lagoa. Temos a cultura e o conhecimento dos pescadores que povoam os arredores da lagoa.

As lendas entre todos os povos são a tradição viva do pensamento primitivo e do desenvolvimento intelectual das épocas de sua origem. Entre alguns constitui a base dos contos populares, com que se embala a infância, inoculando assim a superstição, que tarde ou nunca se apaga do espírito, quando uma instrução sólida e a observação não educam o daquele que tem o mais fraco. Quase sempre o mito origina a lenda, e em alguns povos esta caracteriza o seu desenvolvimento moral (CASCUDO, 2014).

Câmara Cascudo em sua obra *Antologia do Folclore Brasileiro* (2014), destaca a importância de manter viva as tradições, a fim de que se mantenha também sua originalidade, ou seja, mesmo com a chegada de novos tempos e mudanças de lugares, as lendas são transplantadas, o que pode ocasionar o enfraquecimento ou aprimoramento (mudanças) de acordo com o local ou sociedade. A lenda deleita, encanta; mas não inutiliza o homem (CASCUDO, 2014).

Os mais velhos com seus costumes e conhecimentos passam para os jovens suas crenças, por isso, os saberes locais transmitidos pelas narrativas orais carregam saberes do homem em que perduram o conhecimento originário. Quem nunca entrou nas águas e ouviu o mais velho dizer: “Não vai pro fundo, que a Mãe d'Água te carrega!”. Era assim que se temia entrar nas águas sem acompanhamento de alguém responsável, ou só pra não arriscar e querer ir mais longe das margens. Ou seja, as lendas amedrontavam para educar.

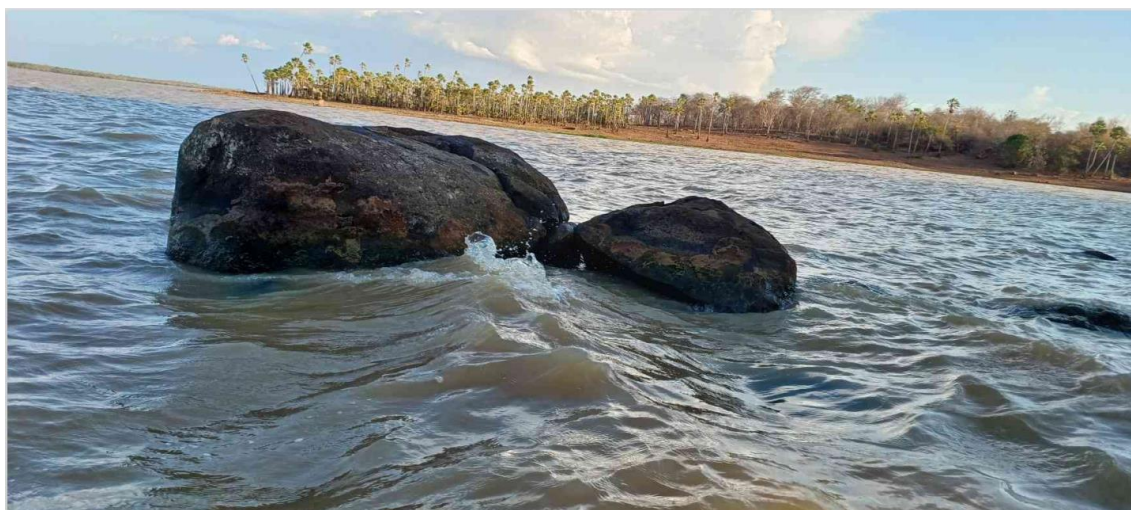
A Iara é a sereia dos antigos com todos os seus atributos, modificados pela natureza e pelo clima. Vive no fundo dos rios, à sombra das florestas virgens, a tez morena, os olhos e os cabelos pretos, como os dos filhos do equador, queimados pelo sol ardente, enquanto a dos mares do norte é loura, e tem os olhos verdes como as algas dos seus rochedos. A crença neste mito é tão grande que, pelos lugares em que a tradição diz que ela mora, os naturais a certa hora da tarde nunca passam (CASCUDO, 2014, p.

311).

Este mito se perpetua até os dias atuais, Mãe d'Água é uma entidade do folclore brasileiro de beleza fascinante que enfeitiça os homens facilmente por ter a metade superior de seu corpo com formato de uma linda mulher e a parte inferior metade peixe, que encantava os homens com seu canto e sua beleza, arrastando aquele que não resistia a seus encantos para as profundezas da morte.

Em um povoado chamado Biratanha localizado as margens da Lagoa do Bacuri, encontra-se uma pedra que fica submersa em tempos de cheia, ficando com o topo descoberto, conhecida como Pedra da Mãe d'Água. Há relatos entre os pescadores que povoam as margens da lagoa, que muitos viram uma mulher penteando seus cabelos longos e loiros sentada na pedra.

Figura 1: Pedra da Mãe d'Água



Fonte: Nascimento, 2023.

Temida era a ida até a pedra, que fica próxima a um morro alto e pedregoso, lugar em que apareciam várias “visagens” como são chamadas as aparições inexplicáveis por esta região. Em uma conversa com um pescador, cuja pedra se encontra em sua propriedade, foi relatado que tempos atrás havia homens que asseguravam terem visto a Mãe d'Água.

Muita gente viu, tio Bernardo já falecido, que era um tio meu que pescava demais aí antigamente, ele cansou de ver, mulhezona lora, diz ele que não viu só uma vez não. Sua esposa argumenta. Tempo que tinha pouca gente minha filha, que hoje em dia essa beira de lagoa é gente demais”. Eu nunca vi, só vi um homem alto sair bem da beiradinha pro rumo da pedra, aí eu, mais aquilo não e pescador, aí eu passei pra beira da água, era um homem alto e cumpridão, aí entrou na água pro rumo da pedra aí eu disse é pescador. Quando eu cheguei bem pertim da água, ele chegou bem perto da pedra e num bater de pestana eu não vi mais o homem, aí eu fiquei com medo, eu não

voltei mas pra casa por cá, tirei por lá e sai aqui. Foi somente o que eu vi aqui foi isso (SR. DEDÉ SANTOS, entrevista concedida no dia 03/11/23 às 16 horas).

Vê-se nas falas do seu Dedé Santos (2023) o momento de hesitação diante do inexplicável. O medo é um fator central nos mitos e lendas, uma vez que estabelece a crença no que foi visto, sentido, percebido, experimentado. Vivência e experiência dos fenômenos, associadas ao medo, confirmado pela narrativa de outros, dá vida aos mitos e lendas.

[...] as sociedades onde o mito é — ou foi, até recentemente — "vivo" no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos (ELIADE, 2006, p. 6).

Para compreender a função dos mitos, tem que haver valorização da sociedade, tempo de origem, compreender o pensamento humano a fim de encontrar, nos tempos modernos, algo do tempo antigo ou contemporâneo. Compreender é também reconhecer a importância de fenômenos culturais e humanos e, atualmente, temos visto a minimização e o esquecimento de alguns mitos, isolados em um tempo, onde os indivíduos atuais o relacionam a histórias falsas ou inexistentes para as sociedades.

A falta de interesse dos mais jovens enfraquecem e rompem o ciclo de passagem das culturas, geralmente quando criados dentro das tradições as crianças acreditam no que lhe foi repassado e ilustrado. Na fase da adolescência, diante de outros entretenimentos a o desinteresse, diante do que é acrescentado no seu cotidiano, tornam-se incrédulos, e os mitos e lendas perdem a força das tradições, ficando somente nas vivências dos ancestrais. É impossível não ressaltar que os conhecimentos dos ancestrais, a cultura, a religião e o homem engendram as próprias estruturas dos mitos.

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio" (ELIADE, 2006, p. 13).

O autor Mircea Eliade em sua obra *Mito e Realidade* (2006), traz uma definição do mito ligado ao sentido da criação e do sagrado, são narrativas que podem ser interpretadas em múltiplas abordagens e pensamentos. A sacralidade ou o sobrenatural dos mitos fundamenta o mundo e o homem no que são nos tempos atuais.

Vale ressaltar que os indígenas (povos originários) mantem os mitos vivos entre seus costumes. Eles valorizam o sagrado e seus personagens são deuses ou entes sobrenaturais:

Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (...). "Essas histórias constituem para os nativos a expressão de uma realidade primeva, maior e mais relevante, pela qual são determinados a vida imediata, as atividades e os destinos da humanidade (ELIADE, 2006, p. 19).

O tempo forte do mito ou tempo sagrado como o autor cita nesta obra é o tempo em que algo significativo se manifestou, revelando que a existência humana e o mundo são de origens sobrenaturais e significativas. Eliade (2006) reforça que o mito traz explicações ao inexplicável, algo que aconteceu em um determinado tempo e que se perpetua em algumas sociedades "primitivas", principalmente, nos povos originários.

O estudo do mito é a necessidade de satisfazer as questões religiosas, atitudes e comportamentos humanos, conferindo informações de povos e suas práticas. O mito passa a ser indispensável para a humanidade e sua realidade, realidade esta que ensina e prepara o homem para a compreensão da moral destes saberes, práticas e rituais, um acontecimento primordial que teve lugar em um tempo, em determinado local.

A lenda da Mãe d'Água constitui um imaginário popular muito forte entre os pescadores da Lagoa do Bacuri. A Pedra da Mãe d'Água estabelece esse elo mítico com a Lagoa, é uma espécie de símbolo ou marcação de um lugar mágico. Mas vejam que não é um lugar sagrado, como ocorre nas hierofanias descritas por Eliade (2002) que resultam em um sentimento religioso, de fé e devoção, e resultam, conseqüentemente, em atos de adoração a uma pedra, uma árvore, uma fonte, etc.

A Pedra da Mãe d'Água está lá, como um marco simbólico de um tempo mítico, cósmico, de uma existência lendária e mítica (a Mãe d'Água e suas diversas representações), que se manifesta no imaginário popular dos pescadores da Lagoa do Bacuri sempre que as tradições culturais se sobrepõem à realidade cotidiana de quem vive e participa dessas experiências.

4 A LENDA DA MÃE D'ÁGUA NA LAGOA DO BACURI: o caráter pedagógico do imaginário

Antigamente era fácil ver rodas de conversas entre moradores (em grande parte pescadores) da Lagoa do Bacuri, era uma comunicação e entretenimento no qual lendas e mitos faziam parte, eram assim que as crianças ouviam histórias e fantasiavam o mundo,

desenvolvendo o seu imaginário, tentando descobrir as lendas e seus mistérios, ou seja, viajavam na imaginação e se identificavam com os personagens heroicos e valentes das narrativas. Muitas vezes estas imaginações os ajudavam a resolver seus conflitos e a enfrentar a vivência do mundo real.

A oralidade das histórias míticas transforma e enriquece ao mesmo tempo que influencia a cultura dos grupos sociais. A preservação da narrativa dos mitos está diretamente ligada à formação de uma identidade e as práticas culturais, pois são estas que determinam o ser social.

A introdução de um estudo aprofundado voltado as práticas culturais torna-se necessário diante de um cenário rico e extenso como os mitos, que estão na história do mundo desde a origem, não esquecendo da fala de Mircea Eliade em sua obra *Mito e Realidade* (2006), onde fala que o mito é uma narrativa da criação, não deixando de ressaltar a criação do mundo, encaixando o mítico, o religioso e o sagrado. Não há uma separação entre eles e sim uma junção de acontecimentos marcados por sua originalidade e importância, que fazem o homem ser reconhecido enquanto ser.

Com esta prática, o imaginário coletivo era desenvolvido, criando vínculos, desenvolvendo saberes e sentimentos ao indivíduo pertencente a uma coletividade. Explicar ou tentar explicar acontecimentos naturais e/ou sobrenaturais resultou no surgimento dos mitos e lendas, que se tornaram verdadeiros por terem ganhado força através da disseminação e por estimular a sociedade, a estudar sobre eles.

Em segundo lugar, creio que há certas coisas que perdemos e que devíamos fazer um esforço para as conquistar de novo, porque não estou seguro de que, no tipo de mundo em que vivemos e com o tipo de pensamento científico a que estamos sujeitos, possamos reconquistar tais coisas como se nunca as tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 10).

Muitos acontecimentos e fenômenos da vida real podem ser explicados por processo físico-químicos e outros não, ou não completamente. O fato é que a ciência nunca nos dará todas as respostas, apenas nos proporciona mais alternativas de respostas. A diversidade do homem é que o capacita para a vida e quanto mais o seu padrão de vida se assemelhar com o do outro, mais corre o risco de perder a sua essência.

A imaginação é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, facilita o processo de aprendizagem, estimulando a criatividade e preparando-o para a realidade. Os mitos e lendas foram transmitidos por várias gerações, por mais que fossem modificadas pelo tempo e espaço onde se perpetuaram. Ou seja, novos elementos iam sendo acrescentadas à originalidade de

cada mito e lenda, ressignificando-os e transmitindo valores através de seus elementos culturais e educativos. Assim, a narrativa e a compreensão dos mitos e lendas desempenha um papel na vida das pessoas, seja para entreter, seja para educar, transmitir experiências e valores únicos, essenciais na formação da identidade dos indivíduos e da sociedade.

Vivenciamos o tempo mítico ou o tempo cíclico cotidianamente (Eliade, 2002), todas as nossas ações e repetições dos nossos atos têm a ver com a criação, o lado religioso não se separa da vida social, por mais que sejam vastas as religiões, elas têm o seu lado mítico e sagrado, para compreender que o real existe, é necessário conhecer sobre o sagrado.

Segundo Gilbert Durand (2019), os mitos e lendas nos lembram os ciclos da vida e as intenções e necessidades de recomeços, como ocorre com o Mito do eterno retorno: “O homem não faz mais do que repetir o ato da criação. O seu calendário religioso comemora no espaço de um ano todas as fases cosmogônicas que tiveram lugar *ad origine*” (DURAND, 2019, p. 283).

Todos os homens têm uma relação com a religiosidade. A implantação das temáticas míticas e culturais abrange o conhecimento humano, a divulgação das histórias e a divulgação de conhecimento através das narrativas. “Quando descritos esses fatos agradavelmente, embora já deturpados, ou intencionalmente irreais, conseguem, por seu simbolismo simples, ser aceitos como brincos da imaginação humana” (CASCUDO, 2012, p. 516).

A lenda da Mãe d’Água trouxe aprendizados até mesmo para quem não compreendia o real sentido deste mito, havia sempre um ensinamento, **uma pedagogia do medo** por trás dos discursos, como: “Olha a Mãe d’Água!”. Essa fala causava medo, espanto e respeito por algo que se tornava bem real no imaginário de uma criança ou adulto, por mais que a curiosidade os aguçasse em ver tais “visagens”.

Quando nos propusemos a tratar de uma pedagogia da lenda da Mãe d’Água, o sentido da pedagogia, a que nos referimos, enquanto área do conhecimento, é o mais geral possível, ou seja, que vai para além da educação formal (ou institucional, como a conhecemos). Trata-se de uma pedagogia popular, isto é, do conhecimento construído pelo povo (educação informal) e transmitido pelas narrativas orais de geração em geração.

Segundo a professora Maria Cecília Teixeira Sanchez (2016), Durand considera que “a pedagogia gira sempre em torno da dinâmica dos símbolos, constituindo-se como uma verdadeira sociatria, a qual doa, com precisão, para uma determinada sociedade, as coleções e as estruturas de imagens que ela exige, em seu dinamismo evolutivo” (p. 49). Nesse sentido, poderíamos considerar que a pedagogia, para Durand, seria uma prática simbólica educativa no

sentido que Paula Carvalho atribui a esta prática (1991), isto é, “como manifestações de um universo imaginário numa práxis, através de um sistema sociocultural e de suas instituições”.

Por isso, como dizem Cavalcanti, Brussio e Barros, “as lendas educam. Elas fornecem imagens arquetípicas que de certa forma constituem as práticas simbólicas de um povo, as suas maneiras de agir e pensar em seu meio” (p. 291). Dessa maneira, não se pode olvidar que os mitos e lendas ensinam através do medo, daí o caráter pedagógico e educativo: “Para sobreviver, os animais devem ser sensíveis aos sinais de perigo; eles precisam conhecer o medo. Individual e coletivamente, os seres humanos não são exceção” (TUAN, 2005, p. 57).

Nas lendas, os narradores costumam expressar as suas sensações, emoções, empolgações diante do ouvinte, conferindo particularidades e singularidades ao texto narrado, ou seja, variações temáticas que alteram, via regra, partes da trama e podem modificar um ou elemento da trama, mas sem perder o eixo central da narrativa e o desfecho (FERREIRA et al., 2020, p. 7).

Saber que existia ou podia existir algo mágico, mítico, inexplicável naquelas águas não permitia que um arriscado mergulho fosse além do costume, ou pescar em determinados dias, como em dias de lua cheia⁵. O encanto era temido por mais que não houvesse relatos, o mito era conhecido, através da imaginação dos indivíduos que povoavam as margens da Lagoa do Bacuri.

A oralidade das histórias transforma e enriquece ao mesmo tempo que influenciam a cultura nos grupos sociais, a preservação da narrativa dos mitos está diretamente ligada à formação de uma identidade e às práticas culturais de uma comunidade, são elas que determinam o ser social. Diversas são as lendas que circundam o mito da Mãe d’Água, de acordo com o tempo e local onde foram narrados, por isso, as origens e forma física dos mitos e lendas variam.

Em relação à Mãe d’Água, Câmara Cascudo (2012) afirma: “Cada igarapé, rio, lago, tem sua Mãe e esta só aparece como uma imensa serpente. Não tem piedade nem aplaca a fome. Mata e devora quem encontra. Vira as barcas, arrasta os nadantes, estrangula os banhistas, apavora todos” (p. 138).

A lenda da Mãe d’Água varia de acordo com as crenças locais, entre eles sereias e animais ilustram as narrativas da lenda. Inicialmente, de origem europeia, foi adaptada ao folclore brasileiro, através dos portugueses no período da colonização. As influências gregas

⁵ Segundo relatos do seu Dedé Santos, era nas noites de lua cheia que havia mais medo dos pescadores em passar pela Pedra da Mãe d’Água, pois a lua cheia era a noite da Mãe d’Água.

ilustravam um ser sobrenatural com metade mulher e metade pássaro, a forma de peixe foi ilustrada nas narrativas portuguesas (CASCUDO, 2012, p. 138).

Câmara Cascudo em *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2012), destaca a magnificência da lenda da Mãe d'Água. A Iara que mora num palácio no fundo dos rios é uma tradição dos brancos e que vicejou rapidamente no cenário bárbaro do Brasil colonial. “O barão de Santana Neri (Folklore Brésilien, Paris, 1889, pp. 44/152) falando das Yaras descreve uma mulher branca, de olhos verdes e cabeleira loura, em ambas as versões do Pará e Amazonas” (CASCUDO, 2012, p. 139).

Já nas origens africanas temos três entidades que protegem e povoam os águas. Entre elas: Anamburucu, Iemanjá e Oxun.⁶ (CASCUDO, 2012, p. 140). As sucuris gigantes estão ligadas à lenda Boiuna, como é chamada a grande cobra que faz parte das formas físicas apresentas a lenda. “A Iara, mulher tentadora, é lenda estranha à mítica ameraba. O que possuímos é a europeia, com as quentes irradiações do sexualismo negro. Verdadeiramente o mito brasileiro é o da Boiuna e dos Ipupiaras vorazes” (CASCUDO, 2012, p. 142).

Como ressaltou em sua obra *Geografia dos Mitos Brasileiros*, Cascudo (2012) ratifica que todos os rios, igarapés, lagos têm a presença de uma Mãe, que protege através de forças sobrenaturais suas águas, assim, as amedrontas que surgiram com as histórias e personagens tinham o papel de ensinar, para que houvesse equilíbrio na relação do homem com as forças da natureza.

Eis, enfim, o papel pedagógico da Lenda da Mãe d'Água: ensinar ao homem a cuidar bem da natureza das águas, do seu bioma, das suas nascentes e vazantes, das consequências prejudiciais que as ações humanas têm trazido ao meio ambiente, conseqüentemente, ensinar ao homem a proteger as águas da Lagoa do Bacuri.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de contar histórias vai ficando no tempo dos antepassados, enfraquecida pela diversidade de tantos outros meios de entretenimento, as narrativas orais ou escritas ficaram marcadas em um determinado período. Mas o conhecimento que as culturas folclóricas e sociais proporcionam ficam para a eternidade mítica.

⁶ Manuel Querino ensina que as Mães-d'Água afro-baianas são três: Anamburucu, Iemanjá e Oxun. Poder-se-ia rastejar a influência africana no mito das Mães-d'Água, mas todos nós sabemos que os rios, lagos e córregos do mundo estão povoados de entidades sobrenaturais. Não há predomínio. Há convergência. Na África o tipo mais espalhado, possivelmente antes do antropomorfismo das sereias retintas, é o “espírito” do rio ou do lago. CASCUDO, Câmara, *Geografia dos Mitos Brasileiro* (2012, p. 140).

A compreensão das tradições orais, entre elas contos, mitos e lendas destacam-se por seu alto poder de ensino e influência para quem busca conhecê-las. Independentemente do tempo ou espaço que são contadas ou vividas não perdem a sua essência, a implantação de novos elementos é quase inevitável, pois a variação e mestiçagem faz com que cada grupo social tenha suas vivências e experiências. Contudo, o imaginário e o mítico ganham forças, despertam e intrigam a ciência que busca compreender e explicá-los como fenômenos. A veracidade e sacralidade fazem parte dos mitos e os deuses e heróis são os principais protagonistas.

Como já diz o conceito de mito, é uma narrativa fantástica que explica a origem de tudo que existe e que é importante para um determinado povo. Ou seja, expressam como se deve viver na sociedade, auxiliam o homem e o transformam, preparando-o para as diversidades do mundo.

Contudo pudemos ver que a lenda da Mãe d'Água ficou marcada na vida de alguns moradores da Lagoa do Bacuri, sendo que este arquétipo é reforçado através do tempo por meio das narrativas e do poder pedagógico que possui. Como discutimos no texto, existe uma pedagogia do medo nas lendas populares brasileiras, e esse medo possuía um caráter pedagógico, de hesitação mediante o inexplicável e o mítico.

O enfraquecimento da lenda é notório pela falta de transmissão desses saberes às gerações mais jovens, mas também não se pode negar a força da ambição humana, por meio do agronegócio (MATOPIBA⁷), que tem destruído a natureza em torno da Lagoa, ocasionando danos ambientais e prejuízos a todos. Tais ações humanas enfraquecem as atividades pesqueiras e o ofício diário dos pescadores, desestimulam a transmissão dos saberes e afastam os mais jovens, que segundo relatos dos mais velhos (Seu Dedé Santos), buscam fontes de renda nas grandes cidades.

Com a pesquisa realizada pudemos aprender mais sobre os mitos e sobre a lenda da Mãe d'Água e seu poder educacional, compreendo que a coletividade das narrativas folclóricas mantém a originalidade de suas fontes míticas, é permeado de variações narrativas conforme cada localidade e transmitem saberes a respeito da natureza, portanto, possuem o seu próprio tempo (atemporal ou cíclico) e, ainda que enfraquecidos na contemporaneidade, são formas de resistência da cultura folclórica local.

⁷ Matopiba é uma região agrícola no Brasil que compreende quatro estados do Brasil: Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia e atualmente são o maior celeiro produtor de grãos do país. Essa área tornou-se importante para a produção de grãos, especialmente soja, milho e algodão. A expansão agrícola do Matopiba levantou questões ambientais e sociais devido ao desmatamento e impactos nas comunidades locais.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de **Aspectos do folclore brasileiro** [recurso eletrônico] / Mário de Andrade; estabelecimento do texto, apresentação e notas Angela Teodoro Grillo; edição coordenada por Telê Ancona Lopez. – 1. ed. – São Paulo: Global, 2019.

CASCUDO, Luís Da Câmara, **Antologia do folclore brasileiro: volume 1** [recurso eletrônico] / Luís da Câmara Cascudo. - 1. ed. - São Paulo: Global, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12a ed. São Paulo: Editora Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara, **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.

CAVALCANTI, Alberes Cerqueira; BRUSSIO, Josenildo Campos; BARROS, João de Deus. A Dimensão educativa do Imaginário: imagens e constelações na Lenda da Serpente de São Luís do Maranhão. In: BARROS, João de Deus Vieira. **Imaginário e Educação: pesquisas e reflexões**. São Luís: EDUFMA, 2008.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

ELIADE, Mircea, **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Daciléia Lima, BRITO, Daline da Costa, CARVALHO, Conceição de Maria Belfort de, & BRUSSIO, Josenildo Campos. A LENDA DE JOÃO VELHO: imaginário, fé e misticismo na Vila das Almas. **Infinitum: Revista Multidisciplinar**, v. 3, n. 4, p. 6 - 25, 2020. Recuperado de <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/14720>.

FERRETTI, F. Sergio. **Mário de Andrade e o Tambor de Crioula do Maranhão** 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. Título: **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

PAULA CARVALHO, José Carlos. **Culturanálise de Grupos: posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural**. Ensaio de Titulação. São Paulo: FEUSP, 1991.

SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília. A contribuição da obra de Gilbert Durand para a Educação: conceitos e derivações para uma pedagogia do imaginário. IN: **Educere at educare. Revista de Educação**, Unioeste, Campus de Cascavel, vol. II, n. 21, jan./jul., 2016, p. 47 - 54.

SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

TUAN, Yi Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

